



A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A ALFABETIZAÇÃO

Tania A. S. Gonçalves Sobral - UTFPR – tania_gonca@hotmail.com

Nelson dos Santos UTFPR – nsantos@utfpr.edu.br

RESUMO

O artigo foi elaborado com base em observação e pesquisa com 26 alunos de 2º ano e 10 professores do ensino fundamental de uma escola pública, observando os problemas enfrentados no cotidiano da prática docente, teve como principal finalidade investigar a problemática da leitura e da alfabetização, sem deixar de lado a importância do letramento, ou seja, ler, escrever, interpretar e produzir diferentes tipologias textuais. Também levou em consideração o interesse que as crianças têm por algumas obras literárias, sejam elas contos de fadas, fábulas, ou, até mesmo, as mais simples histórias em quadrinhos que, embora não entrem em gêneros literários, exercem grande fascínio nas crianças. O que se espera com o desenvolvimento desse trabalho é evidenciar a contribuição da literatura e da leitura para alfabetização e, conseqüentemente, para a aquisição de meios para codificar e decodificar o mundo da escrita. Tão importante quanto os pontos citados anteriormente, a pesquisa também teve o intuito de desenvolver nos alunos o gosto verdadeiro pela prática da leitura de vários tipos e não apenas como fator social ou para obtenção de notas.

Palavras chave: leitura; alfabetização; letramento; escrita.

1 INTRODUÇÃO

Com base na observação das dificuldades do aprendizado e da alfabetização de crianças de 6 a 8 anos de idade ao longo do tempo, observou-se que a grande maioria tem dificuldade em aprender a ler, escrever e interpretar textos.

Diante disso, estabeleceu-se como objetivos desta investigação pesquisar e enfatizar a importância da leitura e da literatura para a alfabetização, fazer uma revisão da literatura existente sobre o tema, identificar as principais dificuldades para se alfabetizar o aluno, coletar pontos de vista de profissionais docentes desse nível de ensino sobre a temática da pesquisa e argumentar sobre os benefícios da introdução da literatura nas séries iniciais.

Além da pesquisa com 26 alunos do segundo ano do Ensino Fundamental, também foi feita uma pesquisa com os professores desta da mesma escola, para saber, através de um questionário, o que esses

profissionais pensam a respeito do tema e como é a sua prática docente no que diz respeito à leitura e à literatura.

Este tipo de pesquisa tem por finalidade identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GIL, 2007). Desta forma, este tipo de pesquisa explica o porquê das coisas através dos resultados oferecidos e tem também a finalidade de levar a nos questionar por que a criança, nos primeiros anos de sua vida escolar, tem verdadeiro fascínio pela leitura e, com o passar dos anos, esse gosto pela literatura torna-se cada vez mais deficiente até chegar ao ponto de deixar de existir dentro de cursos acadêmicos, e os poucos que ainda lutam por manter uma relação qualitativa com a literatura, demonstram inúmeras dificuldades de ler, interpretar e contextualizar de maneira satisfatória.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ouvir permite que as crianças ampliem seu repertório de palavras, aumenta a familiaridade com a língua, desenvolve habilidades leitoras e inicia o processo formal de alfabetização. Sempre que o professor lê para seus alunos, possibilita que estes ampliem seu vocabulário e, assim, possam melhorar, conseqüentemente, suas produções textuais. Essa situação favorece significativamente o processo de alfabetização

A leitura, como prática social, pode ser ensinada em situações em que todos os alunos participem, comentando o que foi lido, levantando hipóteses, debatendo ideias. Esta prática constrói nos alunos um comportamento leitor, ou seja, desenvolve a capacidade de se interessar pelo texto lido, de interferir nas ideias deste texto e de usá-las para internalizar as informações para produzir seus próprios textos, este comportamento leitor pode ser desenvolvido nos anos iniciais da educação infantil e do ensino fundamental.

Os pais e professores têm um importante papel nesta fase, eles são os mediadores para que a criança entre no mundo da leitura, como explica Ferreiro:

A leitura é um momento mágico, pois o interpretante informa a criança, ao efetuar esta ação aparentemente banal, que chamamos de um ato de leitura, que essas marcas têm

poderes especiais: basta olhá-las para produzir linguagem. (FERREIRO, 1999, p. 175).

No entanto, o professor não deve ler somente por entretenimento, e sim com um propósito comunicativo, considerando esta ação como prática social, deve estar ciente dos objetivos didáticos a que ela se destina. Se os objetivos não forem claros, a leitura por si só não consegue ser utilizada no processo de alfabetização, tendo o professor o papel de mediador deste processo.

A leitura é a base do processo de alfabetização e também da formação da cidadania. Ao ler uma história, a criança desenvolve todo um potencial crítico: pensar, duvidar, questionar. “Ler é estimulante” (SILVA, 2009). Sem a leitura e a escrita, o homem deixa de se comunicar adequadamente com seus semelhantes e se torna um ser com dificuldades para interagir com a sociedade em que vive.

O ensino inicial da leitura deve assegurar a interação da criança com a língua escrita, para que ela veja sentido em tudo que está escrito no espaço escolar e no familiar, assim a criança vai internalizando o valor comunicativo da língua escrita.

Segundo Vygotsky (2007), tudo tem seu início no simbolismo no brinquedo, sendo este o que une a esfera dos jogos das crianças à linguagem escrita. Desta forma, o brinquedo simbólico pode ser entendido como sistema de comunicação através de gestos que dão significados aos objetos usados para a ação de brincar e o faz de conta como grande contribuidor para o desenvolvimento da linguagem escrita. Com o desenvolvimento cognoscitivo da criança, os gestos na brincadeira diminuem de proporção, dando lugar à fala, e conseqüentemente à linguagem escrita.

Vygotsky (2007) também chama a atenção para o simbolismo no desenho, para ele o desenho é uma linguagem gráfica que vem da linguagem verbal, sendo o desenho da criança um estágio que antecede e é preliminar para o desenvolvimento da linguagem escrita.

Quanto ao simbolismo na escrita, surge então uma nova relação entre os rabiscos e traços como precursor na futura escrita, simples sinais, traços e rabiscos são substituídos gradualmente por signos de linguagem escrita. Nesta fase a criança descobre que se pode desenhar também, a fala, ou seja, o

desenvolvimento da escrita na criança acontece quando ela desloca do desenho de coisas para o desenho de palavras, conforme Vygotsky.

Na verdade, o segredo do ensino da linguagem escrita é preparar e organizar adequadamente essa transição natural. Uma vez que ela é atingida, a criança passa a dominar o princípio da linguagem escrita, e resta então, simplesmente, aperfeiçoar esse método. (VYGOTSKY, 2007, p. 141).

O brinquedo, o desenho e a escrita devem ser entendidos como momentos diferentes de um mesmo processo de desenvolvimento da linguagem escrita, que adquire caráter de simbolismo direto, sendo percebida, pela criança, da mesma forma que a linguagem falada. Desta maneira, o ensino da linguagem escrita deve ter seu início em idades mais precoces, preferencialmente na pré-escola.

Para que o ensino da linguagem escrita seja iniciado e tenha sucesso na fase pré-escolar, esta linguagem escrita deve ter significado para a criança e despertar nela uma necessidade, a escrita deve tornar-se uma atividade necessária para a vida, para desenvolver não somente a escrita motora, mas uma nova forma de linguagem. A escrita deve ser ensinada naturalmente, de forma cultivada e não imposta, onde a criança descubra as suas habilidades com a leitura e a escrita durante situações de brincadeira, para isso as letras devem ser tão intrínsecas na criança quanto a sua fala, ou seja, coma mesma naturalidade que a criança aprende a falar, ela aprende a ler e a escrever. Assim o ato de desenhar e brincar são estágios preparatórios do desenvolvimento da linguagem escrita da criança, para que ela aprenda a linguagem escrita e não apenas a escrita das letras (VYGOTSKY, 2007).

É importante desenvolver no espaço escolar projetos de leitura aonde a criança tenha a oportunidade de interagir, compartilhar, escutar o outro e ser ouvida, e de socializar-se com o grupo.

“A alfabetização não é um luxo nem uma obrigação; é um direito” (FERREIRO, 2005, p. 38).

O aprendizado é a ferramenta cultural para o ser humano travar a batalha diária com as condições de exploração econômica, política e social. Desta forma, o conteúdo que os alunos vão adquirindo e reconstruindo por meio da leitura, envolve o conhecimento da própria estrutura social, o conhecimento adequado para se construir uma nova postura mental e as

respostas para os problemas sociais, como defende Paulo Freire em “A importância do ato de ler”:

“A leitura de mundo precede a leitura da palavra, a compreensão a ser alcançada pela leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 2008, p. 11).

Enquanto ato de conhecimento, o processo de alfabetização, letramento e leitura tem no alfabetizando o seu sujeito, por isso o professor não deve anular a criatividade do aluno nem a sua responsabilidade na construção da sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem.

2.1 Aspectos cognitivos da leitura

Em relação à leitura na escola, Kleiman (2010) retrata uma realidade muito frequente em nossas salas de aula: a leitura obrigatória, para ganhar nota:

Cabe notar que a leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e sentido. (KLEIMAN, 2010, p. 35).

Esta realidade é muito prejudicial, pois, quando os alunos saem da vida escolar, abandonam a prática da leitura, porque sempre tiveram uma leitura imposta, sempre sob pressão, mas existem também aqueles que, mesmo não estando mais nos bancos escolares, ainda mantêm a prática leitora, estes refletem os professores que tiveram, professores que conseguiram despertar em seus alunos o hábito da leitura, ou seja, professores que não formaram alunos copistas, mas alunos leitores.

Segundo Freire (1996), a leitura deve ser transformada em leitura de mundo, a alfabetização não deve resumir-se em ler e escrever, mas deve, também, ser um letramento. Pode-se definir então o sujeito alfabetizado como aquele que sabe ler e escrever, e o sujeito letrado aquele que sabe ler, escrever e, principalmente, interpretar o texto e contextualizá-lo, usando para

isso conhecimentos empíricos e conhecimentos adquiridos por meio de várias experiências literárias.

É preciso que o professor, desde o princípio de sua experiência formadora, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 22).

A leitura exerce um papel fundamental na formação e no desenvolvimento do ser humano nos aspectos cultural, político, e econômico. Mas o que acontece, infelizmente, é que muitos alunos saem do ensino médio, ingressam no ensino superior e continuam apresentando inúmeras dificuldades na leitura e na linguagem escrita, tendo desta forma dificuldade para interpretar e produzir textos de qualidade.

Outro ponto relevante é que as aulas de literatura não são interessantes para os alunos, visto que os textos e as literaturas usadas para essas aulas têm pouco ou nada a ver com a realidade dos alunos. Seria muito proveitoso se o trabalho com leitura usasse os textos tradicionais juntamente com textos atuais, fazendo uma relação entre eles.

Se existe grande dificuldade em leitura por parte dos alunos, essa dificuldade cresce ainda mais quando se trata da produção textual, pois muitas vezes, o aluno leva em consideração a quantidade escrita e não a qualidade do texto, cometendo inúmeros erros para escrever “muito”. Para se produzir um bom texto, é importante que o aluno tenha vontade de fazê-lo, não só pela nota ou avaliação do professor, mas pela necessidade de se comunicar e de expressar sua opinião para outros leitores (SANTOS, 2003).

Segundo Geraldí (1991), a presença do professor em sala de aula e o seu modo de agir deixa marcas profundas em seus alunos, podendo essas marcas serem positivas ou negativas. Assim sendo, o professor que usa a literatura de forma que seus alunos consigam contextualizá-la e relacioná-la à sua prática cotidiana, certamente terá sucesso em formar alunos leitores e, o mais importante, alunos que gostam de ler. Ao contrário, aquele professor que usa a leitura apenas como conteúdo disciplinar formará um aluno que só lê pela obrigação durante sua vida escolar e, conseqüentemente, quando sair dos bancos da escola, jamais terá o hábito da leitura.

Outro viés importante da leitura em sala de aula é o papel social que ela desempenha na formação do educando, como relata Saviani (2009). A leitura exerce o poder de romper a barreira social, oportunizando igualdade a todas as pessoas. Ela também é fundamental no que diz respeito à superação do problema da divisão do saber. Por meio da leitura e da real aprendizagem, as pessoas serão capazes de exercer sua função social, independente de situação econômica, religiosa ou étnica. Desta forma, o aprendizado dos alunos vai muito além de codificar e decodificar, ele envolve também o conhecimento das estruturas sociais. Isto é, esse saber se torna instrumento de trabalho e de luta social.

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo. (BAMBERGER, 2010, p. 11).

A sociedade do futuro busca cada vez mais o aprendizado, este deve ser contínuo para garantir o desenvolvimento econômico. Desta forma, a leitura deve ser contínua, deve ir além das paredes da sala de aula, ela é fundamental para que o indivíduo saiba diferenciar o que é bom para si e o que é bom para as classes dominantes.

Outro fato de suma importância para a construção de alunos leitores é a curiosidade. De acordo com Freire (1996), o professor deve estimular a curiosidade do aluno por tudo que o cerca, principalmente pela leitura, desta forma, adquire-se maior conhecimento e melhora o aprendizado e por consequência, a consciência da relação de homem e sociedade.

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 1996, p. 86).

O professor que incentiva no aluno a importância da leitura todos os dias, seja durante as aulas de literatura ou durante as atividades em outras disciplinas, dando sentido a esses incentivos diários, estará acostumando o aluno a ter uma rotina literária, cujo hábito não se perderá, mesmo quando este se tornar adulto. Desta forma, o que se espera do docente é que consiga

trabalhar com a leitura e a escrita de forma desafiadora, que aguça no aluno a curiosidade de aprender, pois a curiosidade é a peça chave, é a mola mestra para o aprendizado. Instigar e exercitar a curiosidade do educando é proporcionar a ele vontade de aprender cada vez mais e de buscar sempre o aprimoramento da sua imaginação, da sua criatividade e do seu senso crítico.

3 METODOLOGIA

Este trabalho classifica-se como pesquisa de campo explicativa, foi conduzida e elaborada com alunos do 2º ano do ensino fundamental I, da Escola Municipal Érico Veríssimo na cidade de Foz do Iguaçu, a turma mencionada é composta por 26 alunos com faixa etária entre 6 à 8 anos, destes, quatro alunos são repetentes.

O trabalho foi realizado a partir de abril de 2015, com a observação diária da evolução cognitiva dos alunos, também era feita a leitura diária de livros de literatura infantil disponibilizados pelo MEC, Fundação Itaú Social, Projeto Educar D'Paschoal e acervo próprio da escola e da professora. Os alunos, inicialmente, apresentavam grandes dificuldades na leitura e escrita e boa parte deles ainda não eram alfabetizados.

A princípio, a leitura era feita pela professora regente. Com o passar do tempo e com as crianças lendo melhor, foi confeccionada uma pasta onde a cada dia, dois alunos levavam a “sacolinha de leitura” para casa, para ler na companhia da sua família, e no outro dia, traziam o livro para ser entregue para outro aluno, e relatando como foi a ação leitora, aguçando assim a vontade de ler nos outros alunos da turma.

O trabalho também foi feito com base em um questionário aplicado a 10 professores da mesma escola, que atuam em níveis de alfabetização e com crianças com dificuldades de aprendizagem (classe especial), para saber o que pensam sobre a leitura e literatura em sala de aula.

Aplicou-se um questionário aos professores com vistas à obtenção dos dados para o desenvolvimento da pesquisa de campo.

a) Qual o seu tempo de profissão?

- b) Qual a sua formação?
- c) Exerce a profissão de professor em instituição pública ou particular?
- d) Com que frequência é feita a leitura de histórias para os alunos da turma em que você é regente?
- e) Qual a sua opinião no que diz respeito ao uso da leitura/literatura no processo de alfabetização e aprendizagem em sala de aula?
- f) Você costuma trabalhar com literatura em sala de aula de forma interdisciplinar?
- g) Os seus alunos têm o hábito da leitura por iniciativa própria, seja para ler livros, revistas ou jornais?
- h) Caso a resposta à questão anterior seja negativa, cite um fator que, segundo seu ponto de vista, pode constituir uma das causas da falta do hábito da leitura desses alunos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pela pesquisa feita através de questionário com dez professores da rede pública, constatou-se que todos eles dão grande importância à leitura e literatura em sua prática docente, indiferente da sua experiência e do tempo de profissão, todos os participantes demonstraram que têm a base de sua prática docente fundamentada na prática diária da leitura. Com esta prática de leitura e também de literatura, os alunos perceberam a importância da ação leitora, a cada dia que passava demonstravam cada vez mais interesse pelo mundo letrado e pela função da leitura.

Por intermédio desta pesquisa, constatou-se que a melhoria do aprendizado e da leitura assim como a alfabetização propriamente dita, visto que os alunos perceberam a necessidade de ler e de se entender o que foi lido, houve, portanto, melhoria da leitura, da oralidade e da escrita.

Diante da observação feita na turma do 2º ano, pode-se perceber o interesse dos alunos pela leitura e literatura. As crianças gostam muito de ouvir histórias das mais variadas e também demonstram interesse quando levam os livros fornecidos em forma de empréstimo para ler em casa com algum familiar. Esses alunos relatam os fatos com muito entusiasmo no dia seguinte para a

professora e os colegas, destacando o título da obra e do autor com muita segurança.

Essa frequência da rotina leitora com os alunos, como mostra o gráfico 1, é de fato fundamental para despertar o aspecto leitor dos alunos e o seu senso crítico. Esta prática tem função incentivadora e desafiadora à medida que vai elevando-se o grau de dificuldade das palavras e da contextualização. Por outro lado, o encantamento dos alunos pela literatura também aumenta. O professor torna-se fundamental nesse processo, pois ele é o intermediador entre o livro e a criança, já que, nesta fase, as crianças ainda apresentam uma certa dificuldade com a leitura, ainda estão em processo de alfabetização e necessitam de muita ajuda para entender o que leem e o que ouvem.

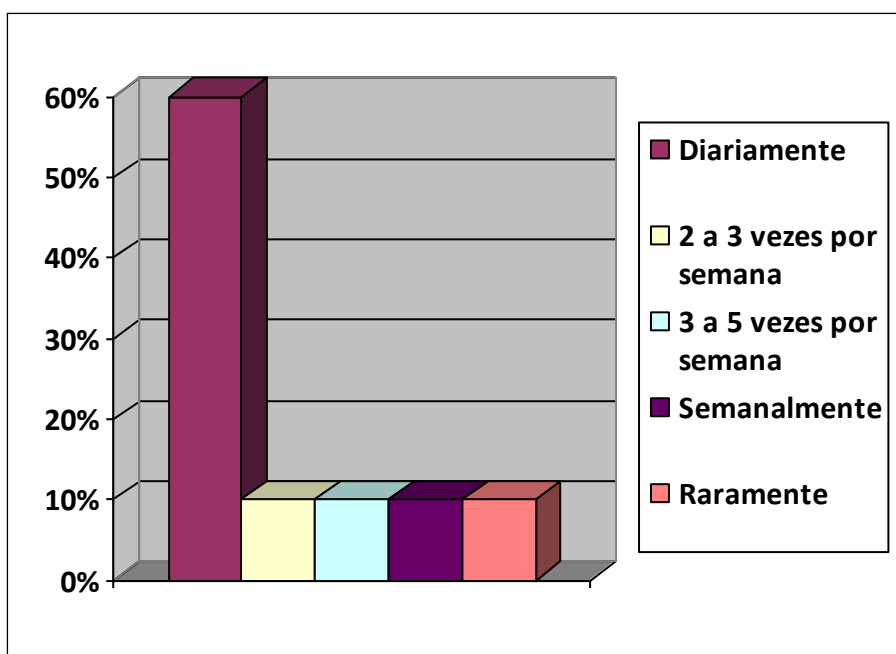


Gráfico 1: Frequência de leitura pelos/para os alunos

O gráfico 2 mostra a formação e o tempo de profissão dos professores que participaram da pesquisa. Todos eles têm graduação e especialização nas áreas da pedagogia e normal superior, com especializações em alfabetização, supervisão escolar e educação especial.

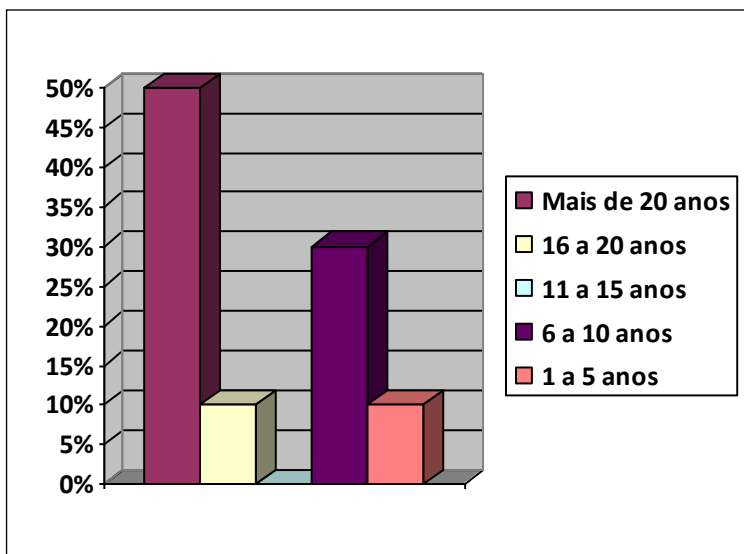


Gráfico 2: Tempo de Profissão dos professores participantes da pesquisa

De acordo com o gráfico 3 , a maioria dos entrevistados tem seu pensamento voltado para a leitura como estímulo dentro do processo de alfabetização da criança. Também foi citada a leitura como forma de ludicidade e lazer, onde o gosto pela leitura é despertado ainda nas séries iniciais, quando, muitas vezes, o professor faz a leitura para a criança.

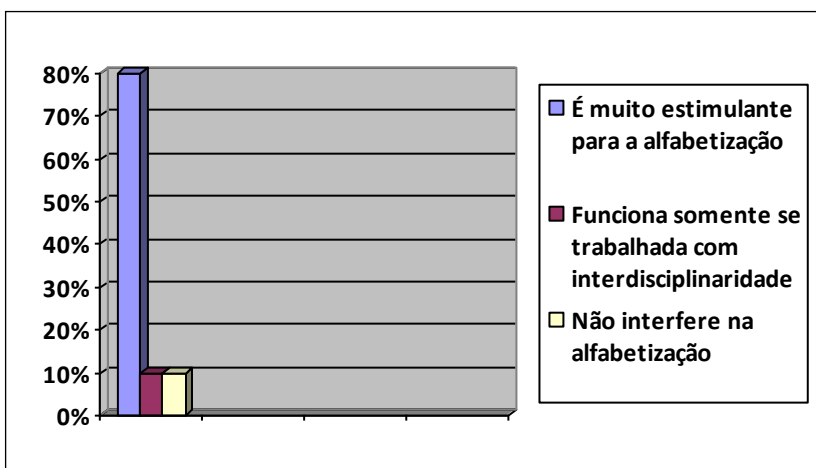


Gráfico 3: Pensamento dos professores sobre a leitura/literatura diária em sala de aula

A maior parte dos professores entrevistados acredita que a leitura diária ou com frequência é a principal ferramenta para que o processo de alfabetização aconteça com sucesso. Incentivar os alunos com contação de

histórias, empréstimos de livros, debates para discutir o assunto do livro e sua contextualização, tem demonstrado ser eficaz neste processo.

Desta forma também, incentiva-se o gosto natural que as crianças têm pela literatura, e que, infelizmente, perde-se com o passar dos anos devido ao fato de que a literatura, em determinada fase da vida escolar, passa a ser imposta e cobrada, fazendo com que o aluno perca seu interesse pela mesma.

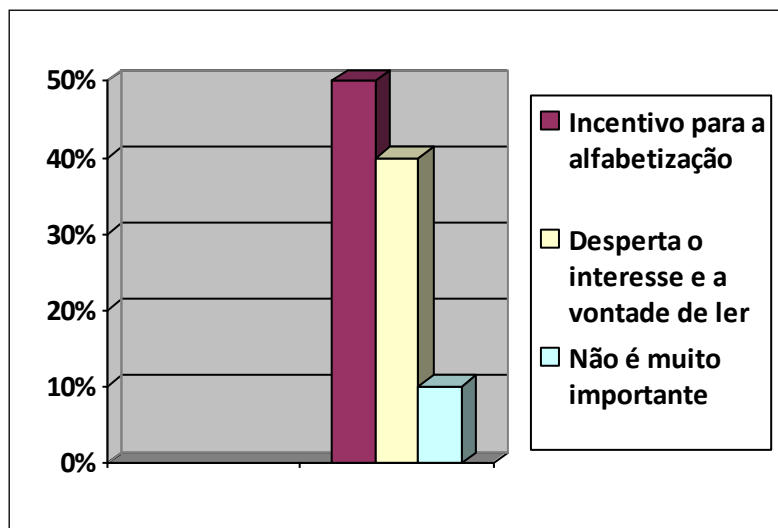


Gráfico 4: Uso da leitura/literatura no processo de alfabetização e aprendizagem

Mas, em contrapartida, existem alguns alunos que não demonstram tanto interesse assim pela leitura, não manifestam vontade de ler sozinhos, nem de ouvir histórias contadas pelo professor. Esta pequena parcela de alunos não deve ser esquecida, muito pelo contrário, deve ser a mais incentivada e ajudada, pois provém de famílias que não possuem o hábito de acompanhar a vida escolar de seus filhos, não valorizam os progressos das crianças e não têm acesso a livros. Desta forma, a criança limita-se somente ao aprendizado que acontece na escola, ficando uma lacuna no aprendizado familiar.

Não se pode deixar de citar, entretanto, as famílias que incentivam seus filhos, acompanham seu desenvolvimento escolar, estimulam os filhos à leitura, mas, devido a sua condição social e econômica, não conseguem ter acesso ou adquirir bons livros para seus filhos.

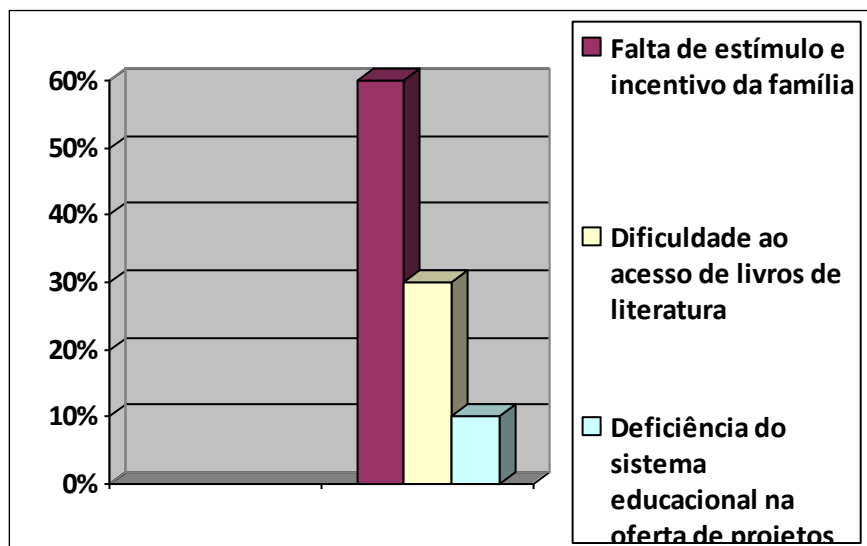


Gráfico 5: Causas da falta de hábito de leitura espontânea dos alunos

Ao lado disso, também existe a questão do sistema educacional que é falho em projetos literários. As bibliotecas escolares raramente recebem literaturas atrativas para os alunos, tendo a que escola adquirir e manter seu acervo com doações da comunidade, ou com recursos próprios, provenientes de rifas, festas escolares, bingos, etc.

Desta forma, o professor tem que adquirir um acervo pessoal para trabalhar com literatura e dar continuidade aos projetos e objetivos da prática docente.

Segundo a pesquisa, como demonstra o gráfico 6, a maioria dos professores relatou que seus alunos gostam de ler e têm o hábito de leitura por iniciativa própria. Em contrapartida, os professores que relataram que seus alunos não têm o hábito da leitura, chamam a atenção para o papel que a família exerce nesse contexto. Grande parte das famílias não tem acesso aos livros, ou não dá importância para este hábito. Mas, de acordo com o gráfico, a maioria dos alunos gosta de ler e tem iniciativa própria para fazer alguma leitura, mesmo sem que o professor peça. Isto se deve ao estímulo que as

crianças vêm recebendo desde cedo em creches, pré-escolas e nos primeiros anos do ensino fundamental.

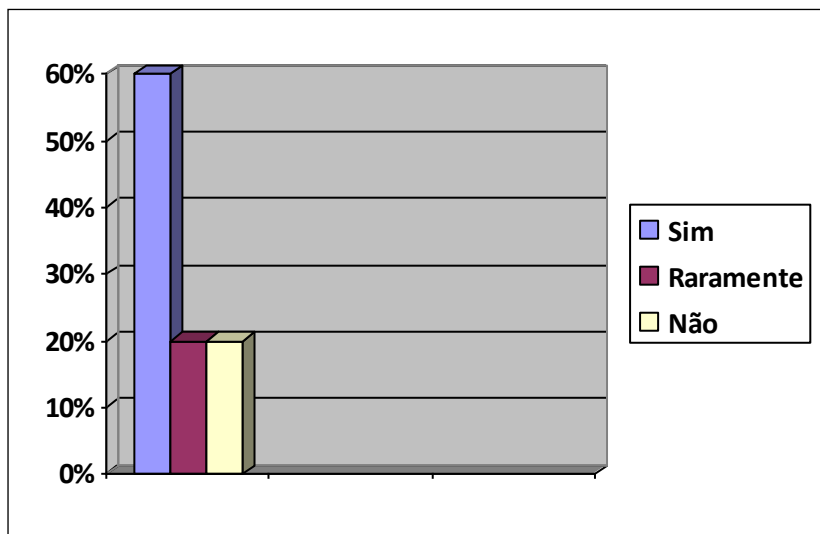


Gráfico 6: Leitura por iniciativa da criança

No gráfico 7, pode-se observar a evolução da alfabetização dos alunos de uma turma de segundo ano, onde a leitura é trabalhada diariamente de várias formas. Observa-se que os alunos melhoram a cada bimestre na leitura, na contextualização, na oralidade e na escrita.

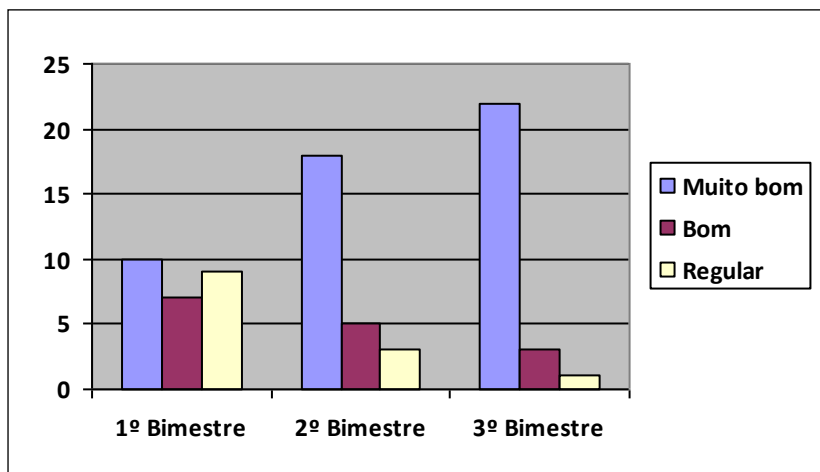


Gráfico 7: Evolução dos alunos na alfabetização

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com a pesquisa permitem afirmar que a leitura e a literatura infantil podem melhorar o aprendizado dos alunos e os estimula a

sempre quererem aprender mais, a ampliar seu vocabulário, a ter cada vez mais condições de ler e contextualizar, de fazer uma releitura de mundo e da sociedade onde estão inseridos, o que os faz cidadãos críticos e com condições de mudar a sua realidade social bem como a realidade daqueles que estão à sua volta.

Pode-se dizer também que os objetivos estabelecidos para a pesquisa foram alcançados, visto que ficou claro que a leitura tem papel fundamental no processo de aprendizagem dos alunos, não só na alfabetização, mas em todas as disciplinas da grade curricular e em todos os saberes. A leitura de vários gêneros, de varias tipologias textuais, seja um texto, um livro de literatura, uma poesia, um conto ou uma fábula contribui para que o aluno amplie a sua visão de mundo e possa avaliar as situações com mais discernimento e com um olhar mais crítico, mais maduro.

O que devemos fazer como professores é estimular os alunos, despertar neles a vontade de ler, ajudá-los a descobrir esse maravilhoso universo chamado leitura e por ele se encantar.

A metodologia utilizada mostrou-se eficiente, pois os dados mostram que houve uma melhoria na capacidade e na qualidade da leitura da turma investigada. A pesquisa também indica que os alunos aumentaram o interesse pela escola, pois houve um aumento da frequência em sala de aula e as notas bimestrais melhoram.

A pesquisa contribuiu ainda nos aspectos relacionados à participação da família nas atividades escolares dos filhos. Entre outras coisas, foi possível observar uma maior participação da família nas atividades pedagógicas como: realização das tarefas de casa, auxílio na leitura de textos e livros de literatura, cuidado com o material emprestado para o aluno (sacolinha de leitura), comprometimento com a frequência dos alunos na escola.

De modo geral, pode-se dizer que o incentivo à leitura pode mudar para melhor o desempenho de uma turma de alunos e de suas respectivas famílias, visto que a prática desta atividade contribui no sentido de aguçar a curiosidade e a vontade de aprender cada vez mais.

Quanto aos professores, espera-se que este trabalho venha a contribuir no sentido de despertar o desejo de acreditar mais nas potencialidades e

possibilidades dos alunos e aguçar nesses profissionais da educação o interesse pela busca de novas formas e práticas que provoquem melhoria no fazer pedagógico, favorecendo, assim, por conseguinte, o processo de aprendizagem dos alunos que representam a razão de ser e de existir do sistema educativo.

A título de sugestão, fica aqui uma atividade que pode ser desenvolvida em sala de aula e que pode fazer a diferença no processo de aprendizagem dos nossos alunos, que é o trabalho com textos poéticos infantis. Durante o trabalho com literatura desenvolvido com os alunos participantes da pesquisa, observou-se que estes demonstraram grande interesse por este gênero literário.

Para finalizar, a impressão que o processo de investigação deixou foi a de que o trabalho realizado despertou nos alunos uma espécie de encantamento, especialmente, pelos textos de Vinicius de Moraes e de Cecília Meireles.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2010.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2008.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 42 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 2 ed. Campinas - SP: Autores Associados, 2003.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 13 ed. Campinas - SP: Pontes, 2010.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2000.

SANTOS, N. D. O trabalho com o texto nos Ensinos Médio e Tecnológico. **Revista Letras**, Curitiba, n. 6, 2003. Disponível em <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2253/1414>>. Acesso em 17 ago. 2015.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 41 ed. Campinas - SP: Autores Associados, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.